

CARTILHA MATERNAL
OU
ARTE DE LEITURA

POR
JOÃO DE DEUS

PERLICADA PELO SEU AMIGO
CANDIDO J. A. DE MADUREIRA
ABBADE DE ARCOZELLO
COM
O RETRATO DO AUTOR

Terceira edição
correcta e augmentada

DEPOSITOS

NO PORTO

EM LISBOA

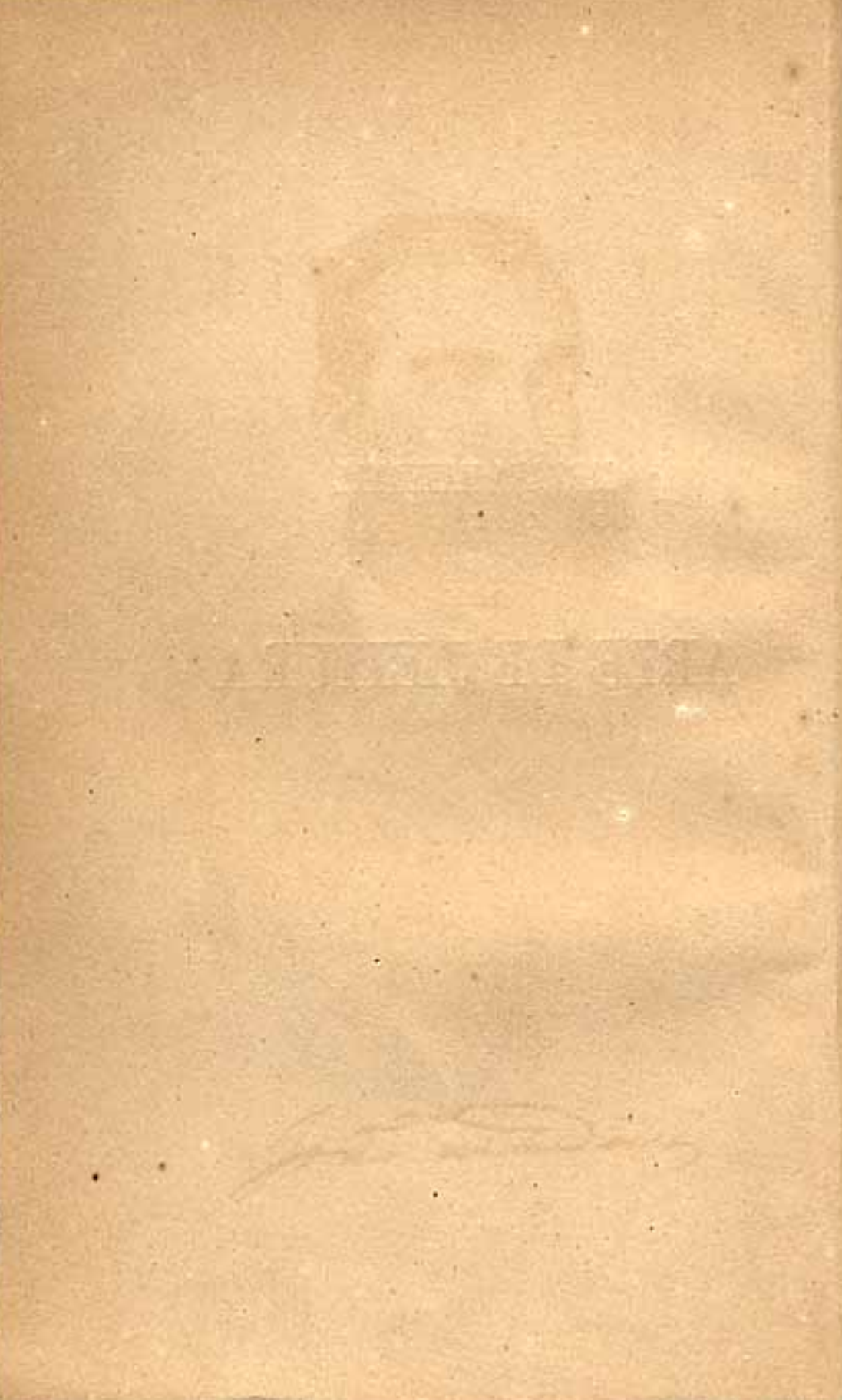
16, Rua de D. Pedro, 16 || LIVRARIA BERTRAND — 73, Chiado, 73

1733

CARTILHA MATERNAL

OU

ARTE DE LEITURA





CARTILHA MATERNAL

OU

ARTE DE LEITURA

POR

JOÃO DE DEUS

PUBLICADA PELO SEU AMIGO

CANDIDO J. A. DE MADUREIRA

ABBADE DE ARCOZELLO

COM

O RETRATO DO AUTOR



... edição nova ...

D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

... utilíssima publicação.

A. HERCULANO.

... o maior serviço que em Portugal se fez á infancia até hoje.

ALFONSO COELHO.

Terceira edição
correcta e augmentada

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1878

Les mères et les instituteurs, voilà
ceux qui jettent dans le monde pres-
que toutes les semences du bien et du
mal.

AMBROISE RENDU (Fils).

*As sementes do bem e do mal, quem
as lança no mundo quasi todas, são as
mães e os mestres.*

1-8-92
W. L. M. S.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

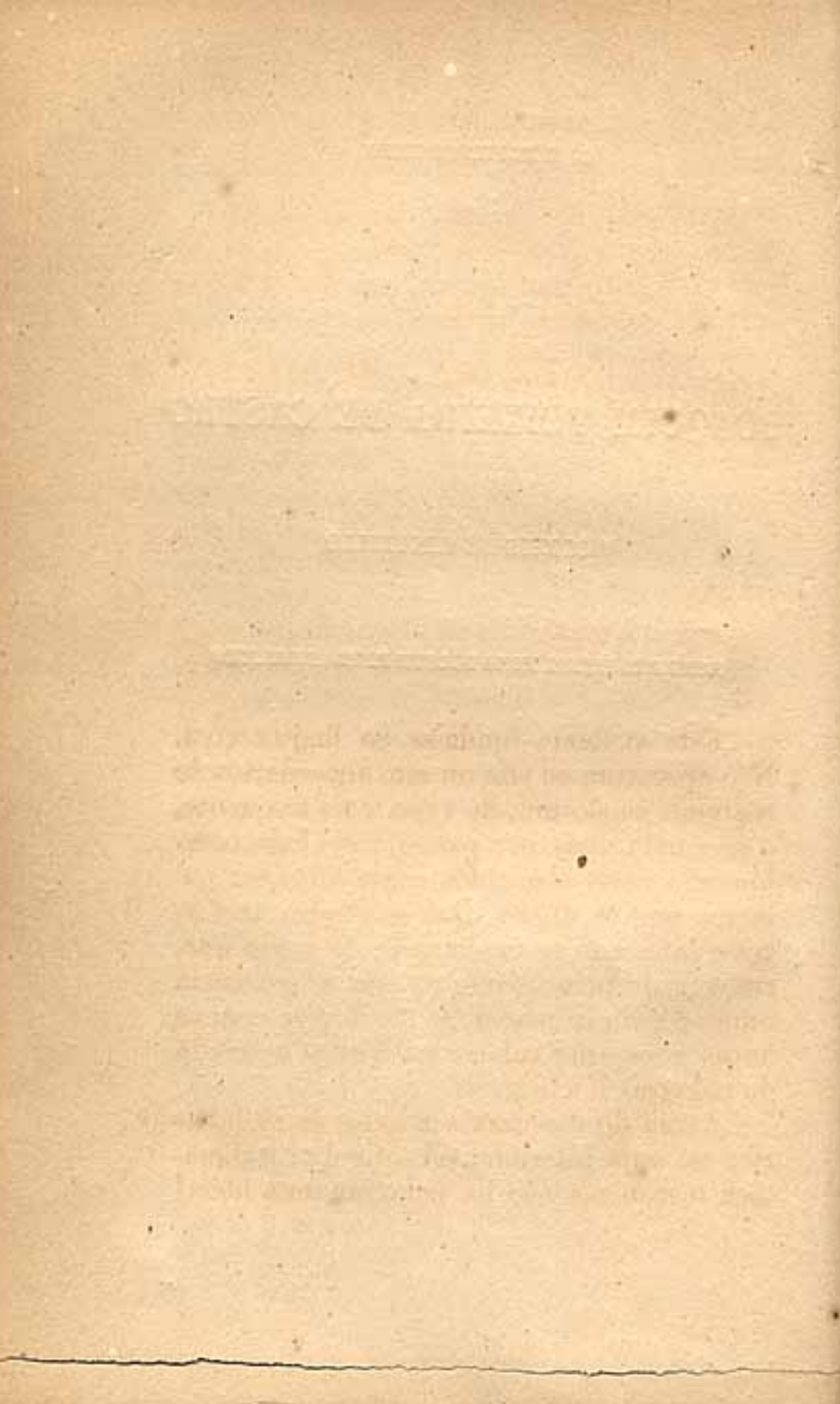
JOAQUIM TEIXEIRA DE CASTRO

VISCONDE DE ARCOZELLO

FUNDADOR DA PRIMEIRA ESCOLA ONDE ESTE SYSTEMA FOI ADOPTADO

O.

O Editor.



Este systema funda-se na lingua viva. Não apresenta os seis ou oito abecedarios do costume, senão um, do typo mais frequente, e não todo, mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem; de modo que, em vez do principiante apurar a paciencia numa repetição nescia, se familiarise com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras intelligíveis.

Assim ficamos tambem livres do syllabario, em cuja interminavel série de combinações mecanicas não ha penetrar uma idéia!

Esses longos exercicios de pura intuição visual constituem uma violencia, uma amputação moral contrária á natureza. Seis mezes, um anno, e mais, de vozes sem sentido, basta para imprimir num espirito nascente o séllo do idiotismo.

Porque razão observamos nós, a cada passo, n'os filhos da indigencia, meramente abandonados á escola da vida, uma irradiação moral, uma viveza rara n'os martyres do ensino primario?

Ás mães que do coração professam a religião da adoravel innocencia, e até por instincto sabem que em cerebros tão tenros e mimosos todo o cansaço e violencia póde deixar vestigios indeléveis, offerecemos, neste systema profundamente práctico, o meio de evitar a seus filhos o flagello da cartilha tradicional. ⁴

PRIMEIRA LIÇÃO

Como as vogaes representam as vozes, e sem voz não ha palavra fallada, tambem, sem vogal, não pode haver palavra escrita. E havendo palavras que constam só de vozes e, portanto, que se escrevem só com vogaes, basta conhecer as vogaes para se poderem ler algumas palavras.

Comecemos pois pelas vogaes, mas deixando de fóra o y-grego, que é pouco usado e viria confundir o principiante, como letra do mesmo valor que outra, mas de diversa figura.

Ensinemos por ora essas vogaes pelos seus nomes (*á, é, í, ó, ú*), que são tambem muitas vezes os seus valores.

a

e

i

o

u

Estas letras aprendem-se facilmente: representando a quinta parte do alphabeto quanto ao número, estão fóra de representar a vigesima parte, quanto aos embarços; todas valem simples vozes, que naturalmente se filiam na leitura e na memoria. É por isso tambem que apresentamos todas cinco duma vez.

Ora a verdadeira palavra do homem é a palavra escrita, porque só ella é immortal. Mas emquanto o ensino da palavra fallada é o encanto de mães e filhos, o ensino da palavra escrita é o tormento de mestres e discipulos. Extranha diversidade em coisas tão irmãs! Deus, na sua providência, não o podia determinar assim. Ha de haver meio facilimo, grato, universalmente accessivel, de espalhar essa arte, ou antes faculdade, sem a qual o homem não passa dum selvagem.

Esse meio ou esse methodo não póde ser essencialmente differente do methodo encantador pelo qual as mães nos ensinam a fallar, que é *fallando*, ensinando-nos palavras vivas, que entretêm o espirito, e não letras e syllabas mortas, como fazem os mestres. Pois apressemo'nos tambem nós a ensinar palavras, e acharemos a mesma amenidade. Com aquellas cinco letras já se escrevem quatro palavras usuaes, e que por uma feliz coincidencia se lêem do mesmo modo, isto é, accentuando a primeira voz.

Lêde-as, e NUNCA SOLETREIS; que mal sabeis como a soletração confunde o principiante, e lhe deprava o raciocinio com sommas falsas. Lêde-as acompanhando fielmente com o ponteiro a letra que estais lendo; e vereis a facilidade, o gôsto e a admiração com que o alumno vos segue e vos imita, reconhecendo em sua consciencia a palavra retratada no papel.

Convém deixar estabelecida nesta lição, a pro-

posito da última palavra *ia*, a regra que o *a* no fim vale *â*, voz que, na sua simplicidade, constitue uma palavra muito usual: *a casa, a mesa, etc.*

Esta regra podíamos figurál-a da fórma seguinte:
~ a = â.

Mas em portuguez as vogaes são quasi tantas como todas as consoantes juntas. Por isso antes de passar a ler, podeis lisongear o alumno mostrando-lhe em qualquer livro ou página de boa letra o muito que elle já sabe. E nesta mesma distracção o acabais de certificar nessas cinco letras que são a alma da escrita e da leitura.

ai

ui

eu ia

SEGUNDA LIÇÃO

Iniciámos no mecanismo da escrita o principiante, com grande e justa maravilha sua. Elle percebeu, sentiu, mais ou menos lucidamente, o engenho do homem que estudando as vozes, de que as palavras se compõem, inventou, para cada voz, um signal, e depois, conforme a palavra consta de taes ou taes vozes, assim na escrita põe taes ou taes signaes! Mas aqui vem a proposito admirar como esta arte fundada numa base tão singela tem sido o martyrio de tantos innocentes, e passe ainda, na opinião das multidões, por uma sciencia árdua!

É verdade que tal correspondencia não é perfeita, mas essa imperfeição pouco embaraça os nacionaes, sendo bem dirigidos. Aonde não chegam as regras, vem em auxilio do principiante a prática e o estylo da lingua. O alumno, acostumado a ler palavras, não lê, por exemplo, *tôdo* nem *môdo*; lê *tôdo* e *môdo*, como tem dito e ouvido dizer.

Vamos agora combinar, com as vogaes, a invogal mais perfeita, que é *v*; porém não lhe haveis de chamar *ú-consoante*, que é uma falsidade, e vai dementir todas as combinações; nem, como se usa modernamente, *vê*, ou *ve*. Não lhe deis nome algum. Ensinai a lê-lo com o beijo inferior sempre unido aos dentes de cima, vozeando; e depois não tendes mais do que ir apontando na palavra, successivamente, as letras, demorando-vos na leitura de cada uma o tempo conveniente, porque o valor dessa invogal é tão prolongavel como o das vogaes. A leitura, na syllaba, nunca se interrompe, e as letras da mesma côr pertencem á mesma syllaba.

V

vá vai

vi via viu

vivi vivia

viveu viva

uva viuva

TERCEIRA LIÇÃO

Cada um tem as suas traças de facilitar o ensino, e ajudar o principiante nas difficuldades. Nós temos achado util cobrir e descobrir alternativamente o *vê* nas palavras *vai*, *via*, etc., fazendo ler ora *ai*, ora *vai*, e assim o mais, a fim de certificar o principiante do papel que tal letra representa na escrita.

D'este ou doutro modo, estamos que vos não enfastiou a lição passada, onde pela primeira vez combinámos vogaes e invogaes. Mas que differença haverá entre vogal e invogal, e porque iríamos nós ao fim do alphabeto buscar o *vê* para essa primeira combinação de letras heterogeneas?

Quando dizemos *á*, soltamos essa voz sem empregarmos beiços nem lingua; mas se dissermos *má*, soltamos essa voz, despegando os labios; e se dissermos *mál*, despegamos os labios ao soltál-a, e no fim abafamol-a pondo a lingua no ceo da boca.

Donde se vê que as palavras constam de *vozes* e tambem duns *modos* de começar ou acabar a voz.

Mas se a respeito da *voz*, que é o elemento soberano da falla, todos os mais se podem chamar *modos* ou *accidentes*, comtudo ha entre esses *accidentes* differenças muito notáveis.

Na palavra fallada *má* e *mal*, temos a voz *á*, primeiro com uma modificação; depois com duas; mas uma e outra palavra se reduzem a um só elemento phonico, que é a voz *á*; o mais são puros *accidentes*: em quanto não dizemos *á*, não dizemos nada; e em acabando de dizer *á*, não dizemos mais nada. Mas quando dizemos *vá*, em quanto não dizemos *á* dizemos alguma coisa, porque essa palavra não

consta duma simples modificação da voz *á*, e sim tambem dum outro elemento igualmente phonico e proferivel.

Assim pois temos duas especies de *modos*, ou reservando este nome só para os verdadeiros *modos*, temos na falla, além das vozes e simples *modos*, elementos proferiveis como as vozes.

Os *modos* consistem numa operação dos beijos ou da lingua, operação de sua natureza silenciosa como quando dizemos

bocado, golilha, maninho, preto

palavras em que proferimos *uáu, uía, aïu, éu*: e nada mais se profere, ou se diz. A differença está só em dizermos estas vozes de outro modo, com os movimentos que nos pedia a leitura silenciosa dos seguintes caracteres

bqd—gl lh—mn nh—pr t

Mas os outros elementos proferiveis, por isso que são proferiveis exigem, n'os respectivos caracteres, uma leitura positiva, sensivel ao ouvido, e por isso, mais apreciavel ao principiante. Taes são, excepto as vozes, os mais elementos das seguintes palavras

<i>favo,</i>	<i>siso,</i>	<i>chá,</i>	<i>jarro</i>
<i>f..v..</i>	<i>ç..z..</i>	<i>x..</i>	<i>j..rr..</i>

Podemo-nos demorar, *fallando*, o tempo que quizermos, em todas as primeiras partes daquellas sete syllabas.

Ora por que especie de caracteres haviamos nós de começar, depois de apresentar os que valem vozes? Pelos de valor proferivel, ou pelos de valor impro-

ferível? É claro que pelos de valor proferível, que representam na leitura um elemento real, distincto.

Mas desta especie de caracteres, o menos equivoco, ou antes o inequivoco, o unico que não tem equivalentes, o mais perfeito em summa, é o *vê*: começámos pelo *vê*.

Mas em que consiste o seu valor, como se lê o *vê*?

Se nos puzermos a próferir demoradamente o nosso artigo feminino: *â*..... e assim, unirmos o beijo inferior aos dentes de cima, produzimos o *tom* que o *vê* representa na escrita. Mas se, nessa mesma posição de labio e dentes, reprimirmos a voz, limitando-nos só a respirar, então, em lugar de darmos o valor do *vê*, damos o valor do *fê*, que é um *som*. Nós empregamos, mais simplesmente, *tom*, em lugar de articulação toante; e *som*, em lugar de articulação soante. No *tom* ha voz, embora modificada; no *som*, ha só bafo. Ha portanto uma differença importante entre o valor do *vê*, e o valor do *fê*: mas a disposição mecanica é a mesma.

Ora havendo tanta analogia entre estes dois elementos, valendo o *fê* um *vê* segredado, soprado, bafejado, passemos do *vê* ao *fê*.

Sem estas e semelhantes distincções é impossivel ensinar a ler racionalmente, intelligivelmente, humanamente. Mas assim se tem ensinado sempre, e se está ainda ensinando onde o nosso methodo não foi comprehendido. Ler por syllabas, sem o valor analytico dos caracteres, é tão mau ou peór que soletrar, e esse valor analytico não era conhecido.

Adiante exporemos claramente os elementos e condições da linguagem, base de toda a arte de leitura. Se a letra representa um facto da linguagem, e o mestre não conhece, não discrimina esse facto, como ha de ensinar a ler?!

f

fè

fui

fia fiava

afia afiava

fava

QUARTA LIÇÃO

Os modos e elementos a que acabamos de nos referir chamam-se ordinariamente *inflexões* e *articulações*, por serem como uns eixos, umas juntas da voz, que lhe dão contôrno e melodia. A palavra *lampada*, por exemplo, é muito airosa; mas tirando-lhe a parte que nella tomam a lingua e os beiços reduz-se a um vozeio de mudo, monótono e desengraçado: *ããã*. Donde se vê que a voz é como a perola que realça no engaste; e que as articulações, entremeando e recortando a voz, apesar da sua obscuridade, não são menos preciosas na palavra, que as proprias vozes. Só a voz se canta, só a voz se alteia e expande, segundo o fôlego e garganta de cada um, a ponto de encher um templo, de retumbar no valle, do alto da montanha; pelo contrário as articulações, a poucos passos de distância, somem-se: todavia uma lingua só de vozes seria uma lingua barbara. Ora as articulações, representam-se pelas invogaes, mas em lugar de haver tantas invogaes como articulações, correspondendo a cada articulação a sua invogal, não succede assim.

Vejamos as articulações proferiveis de quantas fórmas se escrevem:

<i>f</i> ...	(fé, afflicção, phoca)	f ff ph
<i>v</i> ...	(vai)	v
<i>ç</i> ...	(suisso, ceo, aço, maximo, etc.) s ss c ç x etc.	
<i>z</i> ...	(aza, uso, existe)	z s x
<i>x</i> ...	(eixo, chega, ais, faz)	x ch s z
<i>j</i> ...	(já, geme, osga, etc.)	j g s etc.
<i>rr</i> ...	(rua, erro, rhetorica)	r rr rh

Achareis, para representar as sete articulações proferíveis, vinte e duas fórmulas que, descontando repetições, se reduzem a dezesseis, mas destas dezesseis, sete (*s c x z ch g r*) têm diversos valores, a saber:

$s \begin{cases} \zeta \text{ seu} \\ z \text{ uso} \\ x \text{ triste} \end{cases}$	$c \begin{cases} \zeta \text{ ceo} \\ q \text{ cá} \\ x \text{ cheio} \end{cases}$	$x \begin{cases} x \text{ (ch) eixo} \\ z \text{ existe} \\ \zeta \text{ proximo} \\ q\zeta \text{ sexo} \end{cases}$
$z \begin{cases} z \text{ zelo} \\ x \text{ liz} \end{cases}$	$ch \begin{cases} x \text{ chefe} \\ q \text{ chimica} \end{cases}$	$g \begin{cases} j \text{ gelo} \\ gh \text{ água} \end{cases} \quad r \begin{cases} rr \text{ raio} \\ r \text{ ir} \end{cases}$

Ora, destas fórmulas de valor incerto, nenhuma convinha para os primeiros exercícos. Das outras, uma tem valor certo e exclusivo, que é *v*: as mais não têm valor exclusivo, mas têm valor certo, que são *f ff ph ç ss j rr rh*; mas embora tenham valor certo, as compostas não seria bom methodo anticipar ás simples; *ç* é uma letra anomala; *ff* reduz-se a *f*. Isto tudo supposto, restam *v f j*. Começámos pela mais perfeita, o *vê*, que maiusculo ou minusculo conserva a mesma fórmula; nunca se annulla, dobrando-se debalde ou escrevendo-se por amor da etymologia; tem sempre o mesmo valor, e só elle tem esse valor; presta-se com as vogaes a muitas combinações familiares, e representa uma articulação vocalizada, duplamente apreciavel ao ouvido do principiante pela continuidade e pela intensidade.

Do *vê* passámos ao *fê* pela identidade de disposição mecanica na leitura. Passamos agora ao *jê*.

Os antigos punham o valor da letra no primeiro elemento do nome que lhe davam: razoavel systema de designações principalmente para as invogaes de valor mecanico. Esses nomes são preferíveis a *éfe*, *éle*, etc., onde a articulação vem encravada em duas vozes, dum modo obscuro.

Mas aquellas designações antigas, fundadas numa base até certo ponto philosophica, eram nomes geralmente compostos, verdadeiros nomes, com toda a melodia da lingua, sem aquella simplicidade das algumas denominações nossas como *bê*, *dê*; por isso peóres de conciliar com a soletração. A *d*, por exemplo, os hebreus chamavam *daleth*; a *a*, *aleph*; a *l*, *lamed*. Em quantos annos chegaria o desgraçado alumno a soletrar (claro está, inconscientemente, de memoria, á fôrça de repetições sem conto) *daleth, aleph, lamed, dal?!?*

(*daleth*
.aleph
..lamed)

Somma... *dal*

Em cinco e seis annos, como ainda hoje a infancia israelita, com manifesto prejuizo da sua educação logica. Mas seria mais irracional essa soletração que, por exemplo, a nossa: *cê á, quá?* Não! ao menos allí, dada a chave do enigma, descoberto o segredo, achavam-se as parcellas da somma, os elementos da syllaba á frente dos três nomes das letras. Em *cê á, quá*, é impossivel perceber donde veio a articulação guttural da syllaba *cá*.

Todavia ensina-se assim a ler! Não ensinemos nós a ler assim. Contentemo'-nos por ora com o valor de *j*, ensinando a lê-lo *j*... com voz, sem nunca despegar a lingua da gengiva superior.

Em *veja*, o *e* não tem o valor nominal, não se lê como se chama; mas o discipulo, apenas reconhece a palavra, rectifica a leitura, com a pequena differença que vai dum a outro valor, da voz nominal (*é*) á voz fechada (*ê*).

j

já

fuja

veja

viaja

viajava

QUINTA LIÇÃO

A leitura nestas palavras de vogaes, e de invogaes de valor proferivel, funda-se em elementos tão distinctos, estão os seus passos por assim dizer tão bem marcados, a syllaba constitue sempre uma somma tão evidente, que o principiante, compenetrado da base do systema orthographico, e talvez até exagerando a simplicidade da arte, deve-se a estas horas achar disposto a receber as outras invogaes, lendo-as com igual conhecimento de causa.

A experiencia abona esta supposição. É notavel a facilidade e consciencia com que o alumno, em tão poucas lições, começa a ler as syllabas compostas de caracteres heterogeneos.

Mas que ordem havemos de seguir na apresentação e combinação d'esses caracteres que se lêem em silencio? Assim como na lição passada buscámos as fórmulas pelos valores, vejamos de quantas fórmulas se escrevem os dōze modos da nossa lingua (mnemonizados, segundo a ordem alphabetica, nas palavras *bocado, golilha, maninho, preto: bqd — gl lh — mn nh — pr t*):

b...	(boa, abbade).....	b bb
q...	(kilo, qual, chimica).....	k q ch c
d...	(addido).....	d dd
g...	(aggregado).....	g gg
l...	(libello).....	l ll
lh...	(ilha).....	lh
m...	{ meu ~ ambos }.....	m
n...	{ unha ~ anda }.....	n

<i>nh</i> .. (unha)	<i>nh</i>
<i>p</i> ... (apropriado).....	<i>p pp</i>
<i>r</i> ... (ar).....	<i>r</i>
<i>t</i> ... (attonito, theoria)	<i>t tt th</i>

Contando achareis, para representar os dōze modos, vinte e duas fórmas (não escogitando muito). Destas já conheciamos por incertas *c ch g r*; e conhecemos agora como taes *m n*: ora primeiro se hão de apresentar as certas. As fórmas *lh nh th* são compostas; e primeiro se hão de apresentar as simples. Tiradas incertas e compostas, restam certas mas dobres, isto é, que ás vezes se dobram inutilmente *b d l p t*; certas e simples, isto é, que nunca se dobram *k q*.

Por aqui havíamos de começar, se com *q* não se desprezasse muitas vezes *u*, o que é absurdo; e se tivéssemos palavra usual onde figurasse *k* sem dependencia de letra desconhecida; mas só temos *kilo* onde entra *l* que, portanto, ha de vir antes.

Mas *b d p* é o mesmo character invertido; aproximemol-as: *d t* são irmãs no valor.

Disto resulta que podemos ter por boa a ordem seguinte: *t d: b p: l: k q*.

Vamos ao *tê*, que se lê pondo a lingua n'os dentes.

Deixe o mestre todas as preocupações. Ha letras que se lêem, *dizendo-se* alguma coisa; e outras, que se lêem, *fazendo-se* alguma coisa. Aqui nem o bafo se emite. Não temos articulação dental aspirada. Lingua n'os dentes ou gengiva superior, e mais nada.

t

tu teu

tua tia

ata atava

fita fatia

fatiota

SEXTA LIÇÃO

Quando agrupámos as articulações proferíveis, de duas em duas (*f... v..., c...z, x...j*) quizemos indicar o parentesco de cada par; isto é, que a primeira se pronuncia como a segunda, na mesma disposição de beiços e língua, com a diferença que, na primeira, ha só fôlego, e na segunda, ha voz.

Respirando, diremos *x...*; nessa mesma disposição, vozeando, ou vocalisando, diremos *j...* Agora a leitura do *tê* e do *dê* é mais do que parente, é irmã. O *dê* lê-se pondo tambem a lingua n'os dentes.

d

dia

dó doi

dá deu dada

dava deva

vida duvida

ida idiota

judia judeu

ajuda

fiada afiada

SETIMA LIÇÃO

O leitor havia de notar, na lição passada, a palavra *duvida* com accento. Nós temos aos signaes prosodicos uma especie de aversão, chegando os nossos mais esmerados escritores a não accentuarem, muitas vezes, as mesmas palavras equívocas. Mas esse é o facto. Em theoria ninguem sustenta esse exagéro. Donde se segue que podemos e devemos, por exemplo, escrever sempre *duvida* ou *dúvida*, e nunca, simplesmente *duvida*. O principio de accentuar só as palavras equívocas é bambo. Tudo é equívoco para quem não sabe. Nada mais equívoco para um estrangeiro, que as três princiras vogaes de *cama*, *casa* e *cada*, identicas na escrita, diversas na leitura (*ã*, *á*, *â*). Todavia nunca se accentuaram. Mas sendo essa a prática constante, não se devem dar a ler escritas doutro modo. Porém as palavras equívocas, alguns accentuam-nas systematicamente, e muitos, embora sem especial cuidado, têm occasião de as differencar na escrita. Queremos dizer com isto, que rejeitando e reprovando nas cartilhas uma accentuação artificial armada a facilitar a leitura, iremos empregando os devidos signaes nas palavras duvidosas, conforme a razão e os bons exemplos. É inadmissivel a doutrina de escrever as palavras de maneira que em separado, os mesmos portuguezes não saibam o que ellas são. Mas voltando ao nosso caminho, vamos ao *bê*, que se lê de boca fechada, como o *pê*, com a differença que se unem mais os labios, oppondo assim ao elemento phonico uma resistencia maiór.

b

boi

boa

aba baba

beba

bata batia

bateu batida

bota batata

abata abatia

abatida

abafa abafava

abafada

OITAVA LIÇÃO

Na lição passada figurava em *boi* e *boa* a letra *o* com um valor differente do seu nome. É tempo de admittir essa novidade.

Nós temos julgado inutil dizer que o criterio fundamental da nossa prosodia é — *ler como se diz*: criterio sophistico, que não resiste á analyse, mas que felizmente a criança, na sua simplicidade, admittit de boamente. O alumno folga de rectificar uma leitura fundada no rigor dos dados, pelo que ouve e costuma dizer: um certo instincto práctico, um sentimento de utilidade o leva a achar muito bem fundado aquelle dictame futil. *Bói* não se diz, *bói* não é nada; gostosamente corrige, e diz *bói*.

E o caso é que emquanto outros, acostumados a syllabas vãs, naturalmente estropeiam as palavras mais logicamente escritas; o nosso alumno mettido naquelle caminho práctico, e habituado a entender sempre o que lê, tende naturalmente a dar sentido e alma ás combinações da orthographia mais duvidosa, achando uma palavra corrente.

Nós reservamos lições especiaes para as grandes variações de valor nas vogaes; mas as vozes *ó* e *ô* não differem dum modo muito extranho.

Isto posto passemos ao *pê*, que é irmão do *bê* no valor, e tambem se pôde dizer que na figura. Unem-se mais os labios.

Assim temos já duas invogaes que valem, lingua nos dentes, *tê*, *dê*; e duas que valem, bôca fechada, *bê*, *pê*. O *dê* é arqueado para a esquerda: *bê* e *pê* para a direita.

p

pai

pá pó pé

pua pia pipa

papa papava

papada

peta pata

patada

pita pitada

topa

tapa tapava

tapada

NONA LIÇÃO

Alguns chamam ao *e* de *saúde* mudo: antes o chamem que o façam, pois se o fazem não fallam bom portuguez. O *u*, em *guerra*, é mudo, e na maxima parte das palavras onde se escreve *gue*, *gui*, *que*, *qui*: e ainda noutros casos como havemos de ver. Porém a vogal *e* representa sempre voz; e não ha vozes mudas. Podiam-lhe chamar *grave*, significando baixo, fraco, que não soa alto, que não soa muito.

Isto supposto, os *modos* por onde acabam as palavras portuguezas são os que se escrevem com *l* *n* *r* por exemplo, *tal*, *talisman*, *ter*. Como *taes*, isto é, como simples modificações, são improferíveis e silenciosos de sua natureza. Por isso não havemos de dizer *tale*, nem *tere*; mas pegar a lingua em *tal* e *talisman*, ou depegál-a em *ter*, pura e simplesmente sem voz nem bafo; senão, fallamos incorrectamente.

Como ordinariamente só se lê pelo breviario francez, e os francezes têm *e mudo*, puramente graphico, como em *aimée*, dahi nos veiu a phrase. Não ha tal letra em portuguez. O *e* elide-se em leitura seguida; nunca em palavra sôlta ou leitura syllabica.

Não temos apresentado letras dobradas por falta de occasião; não, por systema. É um facto de observação que o principiante não se embarça com isso, como ides ver em *bella* etc.: mas estabelece-se a regra, que duas letras irmãs valem o mesmo que uma: e nessa conformidade o ponteiro cruza-as parando na segunda, para indicar a unidade do valor de ambas.

1

li lia leu lua

luva loja luta

labuta bitola

bola bella

falla fivella

lá ólá alli

vil fel fiel tal

fatal faval

paúl papel

alva alta

falta volta

polpa apalpa

apalpadella

DÉCIMA LIÇÃO

Estas notas são escritas ao correr da impressão; e recebendo agora do Pôrto a primeira fôlha (que em Lisboa nem de graça, como chegámos a offerecer a um editor notavel—demais a mais poeta e prosador, conseguímos a publicação desta curiosidade) vemos nessa fôlha que na segunda lição, onde se trata da combinação do *vê* com as vogaes, dissemos que vos podíeis demorar na leitura de cada letra sem distincção, por serem todas igualmente de valor proferivel. Assim é; mas esqueceu-nos advertir que haja cuidado em não separar na mesma syllaba um elemento de outro; senão, basta a minima pausa para terdes de os ajuntar depois, o que vem a dar no mesmo que soletrar. A advertencia era por ventura escusada.

No ensino individual, que é só onde temos experimentado este systema, com os resultados previstos (em lições manuscritas imitando letra redonda) costumamo'-nos collocar a um canto da mesa, mais o alumno, elle dum lado á esquerda, e nós do outro; pomos-lhe a lição diante convenientemente; e enquanto, nas primeiras quatro lições, percorremos com o ponteiro pela parte de cima as letras da palavra, imol-as simultaneamente lendo. Ora como do intervallo das letras naturalmente se abstrahe, nem esse intervallo é apreciavel na marcha do ponteiro, a syllaba e a palavra afigura-se, aos olhos do principiante, como uma pequena escala cujas notas se vibram na sua ordem natural.

E o que é a leitura senão a interpretação successiva das letras simples ou compostas, certas ou in-

certas da palavra escrita? Por isso é que a leitura é a verdadeira soletração; porque só na leitura se dá aos caracteres o seu justo valor.

Ha duas soletrações, a antiga e a moderna. A soletração antiga vai chamando as letras pelos seus nomes, para apresentar depois, não a somma desses nomes, mas a somma dos valores dessas letras. Esta soletração é absurda, e desmoralisa o raciocínio do principiante. Como quereis vós que uma alminha, ainda com aquella luz tão pura que traz de Deus, entenda que *cê agá á*, junto, sommado, é *xá*?! Isto será ensinar a ler, mas é ao mesmo tempo emparvecer. Ora mil vezes antes analfabeto que idiota. Porém esta soletração, que aliás reina em Portugal e seus dominios, está condemnada. A outra, a soletração moderna que procede por valores, é incomparavelmente superior; mas ou é inexequivel ou escusada.

Modernamente, como se soletra *chá*? D'este modo: *x...*, *á*, *xá*; mas ou o alumno sabe, pelo conhecimento das regras ou por intuição, o valor hypothetico de *ch*, e lê igualmente *xá*; ou não sabe, e nesse caso não póde soletrar á moderna.

A verdadeira soletração é a leitura.

Segue-se *k* pela ordem estabelecida; e como só o podemos apresentar em *kilo*, aproveitemos a occasião de exercitar o principiante no *o* final, ensinando-lhe que *o* no fim vale *u*. Explicai-lhe o symbolo, se vos convier: a curva ondeada indica as mais letras duma palavra qualquer, acabada em *o*, que faltam; e as duas parallelas querem dizer *valê*. A letra chama-se *kê-grego*; mas por ora basta chamar-lhe *kê*.

A primeira parte desta nota é da primeira edição.

k

kilo

o = u

vivo viuvo

viajo vejo

fujo favo fato

ato bato bafu

abafu bafio

abalo fallo

luto lado lido

pato pavio

pulo papalvo

baldo baldio

bolo lobo lodo

ovo tolo tóldo

UNDECIMA LIÇÃO

Não tínhamos outra palavra conveniente, senão *kilo*, onde apresentassemos o *kê*-grego por ser essa consoante tão perfeita como desusada.

Os gregos tinham uma articulação semelhante á que representa *k* em portuguez, mas aspirada; e figuravam-na por certa letra bastante semelhante a *k* e ainda mais semelhante a *x*.

Os romanos não tinham essa letra; e como para elles *c* valia *q* ajuntaram-lhe *h* para significar aspiração, e nas palavras gregas de origem, onde havia aquella articulação guttural aspirada, escreviam *ch* com justificado motivo.

Mas isso, elles; nós só por imitação servil fazemos o mesmo; porque para nós nem *c* vale *q* e sim diversas articulações: nem o *h* significa aspiração, que não ha em portuguez; nem *ch* tem valor certo. Quanto mais que em pontos de orthographia grega mais nos devia importar o grego que o latim; e se ha maneira de falsear aquella excellente orthographia é escrever dois caracteres representando um valor.

Donde resulta que em taes casos mais logica e etymologicamente se devera escrever *k*. Todavia, recebendo esta letra na adopção do systema metrico uma especie de cunho official, nem as graças do poder lhe valeram a benevolencia dos literatos: continúa em *kilo* (significando mil) a ter curso forçado; mas já em *chylo* (succo de alimentos digeridos) se insiste em escrever *ch* tendo a palavra igual origem e identica pronúncia.

Mas o alumno espera-nos. A *k* seguia-se *q* seguindo o nosso plano; mas já sabemos que esta in-

vogal, embora certa, offerece circumstâncias absurdas: servirá pois de introdução ás invogaes incertas; e vamos entretanto a outras regras sem excepção, em respeito a vogaes.

Ensinámos na lição passada que o final vale *u*. Ensinemos agora que *ou* vale *ô*.

Nas provincias do norte diz-se *amô-u*, *comprô-u*, mas em Coimbra, Lisboa e no mais Portugal não se profere tal ditongo. Escreve-se *ou*, mas essas duas vogaes lêem-se com uma simples voz: *ô*.

Este é o facto, e por consequencia, a lei fundada, não diremos na melodia, que é relativa, porém no uso mais autorizado e aliás mais vasto.

Com isto não queremos dizer que em tal ou tal logar, onde reine sem contradicção aquella variante, o professor se empenhe em arrancar aos seus discipulos talvez um hábito invencível. A toada é singularmente ingrata a ouvidos estranhos, e illegitima; porém não é essencial que os filhos do povo fallem classicamente; o essencial é fazêl-os quebrar o círculo da animalidade, dando-lhes, por meio da leitura e da escrita, o horisonte infinito do homem. Em partes onde convier, exercitai-os no ditongo. Onde puderdes seguir a melhór prosodia, como essas letras passaram a ser um symbolo, e se não podem ler analyticamente, cruzai-as com o ponteiro, indicando assim a leitura indivisível.

Bom será explicar ao principiante que ás vezes o estylo de fallar muda, e a orthographia fica. Já em todo o Portugal se disse *vô-u*, *andô-u*, e por isso com razão escreviam as duas vogaes. Mas ainda nas provincias onde o estylo variou, se escreve do mesmo modo.

ou = ô

(avô)

vou aviou

viuvou viajou

dou atou fiou

babou piou

papou apupou

tapou pulou

fallou alliviou

abafou ouvi

ouvia ouviu

ouvido louva

louvo louvou

poupa poupo

poupo

DUODECIMA LIÇÃO

Já na lição passada nos referimos ao ditongo *ôu*, usado nas provincias do norte, e que bem se pôde ter por vicioso. Agora diremos que nas provincias do sul cerceiam o delicado ditongo *êi*, dizendo em logar de *lêi*, *lêito*, *dêi*, *dêitêi*, simples e desengraçadamente: *lê*, *lêto*, *dê*, *dêtê*. Tambem é vulgar nestas provincias *mé* pai, *té* primo; e não menos *jantí*, *andí*, *cantí*; em vez de *meu pai*, *teu primo*, *jantêi*, *andêi*, *cantêi*.

Não imaginamos circumstâncias que recomendem ao mestre contemplação alguma com essas crasas deturpações da lingua. Os mais rudes aceitam a emenda sem escandalo e sem surpresa, lembrados duma ou outra pessoa culta que têm ouvido.

Mas voltando ao *êi*, objecto especial desta lição, bom é notar que esse dithongo nem sempre é expresso, mórmente na orthographia antiga. Os antigos escreviam regularmente *têa*, *fêo*, *cêa*, *recêo*: os modernos escrevem geralmente mais conforme a pronúncia. Seja como for, o estylo da lingua não admite, na palavra, as vozes *êo*, *êa*; e em taes casos, esteja o *i* expresso ou não, ha de se ouvir *êio*, *êia*.

A razão popular, ainda mais que as academias, tende sempre a racionalisar a orthographia ajustando-a com a falla; e por isso, como já indicámos, hoje o mais ordinario é escrever-se *feio*, *receio*, *teia*, *aldeia*. Mas o que parece equívoco da parte dalguns autores é escreverem, por exemplo, *grangeiar*, *receiar*, porque em certas vozes (do presente do indicativo, imperativo e conjunctivo) dizemos *êi*.

Sempre ouvimos dizer *cêio*, *recêio*; mas ainda não

ouvimos dizer *cêiêi*, *recêiêi*. A voz que o estylo da lingua insinua entre *êo*, *êa* é um simples accidente do verbo, e não o mesmo verbo na sua fórmula primitiva. Se as alterações que soffrem os radicaes durante a conjugação dos verbos devessem figurar no infinito, não havia modo de escrever e ler a maior parte delles. *Escrever*, segunda voz grave; *escrevo*, segunda nominal; *velar*, primeira grave; *vele*, primeira nominal; *velo*, primeira aberta, etc.

E sem fallarmos n'os casos em que até as invo-gaes variam, como n'os verbos acabados em *gir* e *car*, aqui se mostra que a lingua portugueza não guarda n'os derivados a prosodia radical, por outra, que não é uma lingua etymologica, como a latina: assim como não é uma lingua metrica, com syllabas longas e breves, como o latim; e assim como não é uma lingua declinavel, com sete, oito, nove, dez e mais fórmulas do mesmo nome, pronome ou adjectivo, como havia no latim. Ora não sabemos que traços mais profundos de divergencia podem separar uma lingua de outra. Estes factos tiram muita força aos argumentos de analogia em que se funda a orthographia latina ou etymologica. Mas a orthographia phonica não nos levaria melhór á identidade da escrita, senão dada a identidade da linguagem, que é tão variavel, e a unidade de valor em todos os caracteres. Ainda assim era necessario que todos fizessemos da palavra fallada a mesma análise. E dadas todas essas condições para uma orthographia perfeita quanto á leitura, teriamos de escrever de várias maneiras a mesma palavra, como por exemplo, separadamente, *êlex*; e em phrase, *êlez* andam, *êlej* mandam; o que no ponto de vista grammatical seria muito imperfeito e illogico.

ei = êi

(dê lê)

dei lei atei

papei lavei

abalei feita

feito feitio

deito deitou

deitei babei

beija beijo

beijou beije

dei-a dei-o

veia veio

feia feio

leia leio

peia teia

DÉCIMA TERCEIRA LIÇÃO

Não tratamos aqui de todos os valores da letra *e*.

Tratamos só de quatro: a voz *nominal* é, nome da letra *e*; a voz *fechada* ê, de que fallámos na lição antecedente, *dê, dei*; a voz *aberta*, que não tendo accentto especial, muitas vezes figura com o mesmo agudo, como em *pês*: e a outra suavissima a que chamamos *grave*, de que já tivemos occasião de fallar.

Esta voz, que sôa na primeira syllaba de *pedi*, é frequentissima no principio, no meio e no fim de palavras; mas frequentemente mal proferida, e até supprimida, mórmente no fim.

Ponde nisso especial cuidado; não deixeis o discipulo dizer *fal'* em logar de *falle*, assim como lhe não deixeis dizer *ville* em logar de *vil*, *papele* em logar de *papel*, etc. Basta contar as syllabas, e não o deixar fazer, de duas, uma; e de uma, duas.

Ha numa linguagem viciosa não sabemos que mostras de má educação ou rudeza. Devemo'-nos empenhar o mais possivel em aperfeiçoar o estylo dos nossos discipulos.

Voltando á voz *aberta*, que não tem signal especial, cumpre notar que se encontra n'os classicos muitas vezes um accentto opposto ao agudo, desta fórma: *prègar, prègador* (palavras que precisavam de distincção, pois ha tambem em portuguez *pregar*, e o derivado *pregador*). Não applicavam os autores tal signal, ou pelo menos os typographos, systematicamente, como faziam a todos os demais signaes; porém os modernos, em vez de o aproveitar convenientemente, aboliram-no. Dahi resulta es-

crever-se *pé* e *pés*, *sé* e *céo*, com uma orthographia excellente para enganar quem lê.

Não se póde confundir a voz do plural de *pé*, com a de *pez*, cerol (ou de *pé*, que é a mesma): tambem se não póde confundir com a de *pê* (nome vulgar da letra *p*); e muito menos com a da preposição *de*, que chamamos grave.

Temos portanto, não fallando na grave, três vozes bem accentuadas (*pès*, *pé*, *pê*), que de facto se querem distinguir na escrita; mas empregando-se nesse intento apenas dois signaes, por fôrça havia de haver equívoco.

E assim succede. Quando o autor receia que leiam o verbo *pello*, escreve *péllo*; e quando receia que leiam o nome, escreve *péllo*: escreve sempre o mesmo. E como ha de escrever melhór? Escrevendo *péllo* (nome), e *péllo* (verbo)? Errava em ambos os casos; no primeiro, onde não soa a voz de *pê*; e no segundo, onde não soa a voz de *pé*. Tomando a responsabilidade daquella apparente innovação, indo aos antigos buscar um signal desusado? É claramente melhór recurso. Mas ainda melhór seria novo signal, porque em verdade o chamado accento grave é applicado á vogal de valor nominal, não porém dominante, como em *vulgò*, *retrò*, etc. Na edição de Vieira, que tencionamos fazer, com uma orthographia systematica, de modo que os mesmos estrangeiros possam ler portuguez, temos escolhido, para a voz aberta, o signal circumflexo invertido.

O e final lê-se de modo que mal se ouve. Nesta palavra *ouve*, bem proferida, está o exemplo. Porém não é só no fim que essa vogal assim se lê. As nossas vogaes, têm em regra o mais fraco valor fóra da syllaba forte ou dominante.

~ 0

ave vive tive

ate ajude

tape tope pote

póde poude

bule bole bote

bate bode bofe

bife folle falle

lave volte

falte apalpe

pelle pede

pedi pediu

pellei pellou

velei velou

levou dedal

DÉCIMA QUARTA LIÇÃO

Ao *kê*-grego segue-se a sua irmã no valor, e última das invogaes certas, o *kê*. Nesta lição começam as semrazões. Mas para que tudo tenha as suas compensações, é agora que o raciocínio do alumno começa a ter mais exercício.

Não ha kê sem u; mas esse u, com e, i, poucas vezes se lê. (Quando dizemos *kê*, não entendemos o *kê*-grego.)

O alumno estranha com razão estas anomalias. Em satisfação á sua intelligencia bom é dizer-lhe, o que temos por certo, que antigamente lia-se sempre o *u*; com o tempo as palavras mudaram, continuando-se todavia a escrever do mesmo modo.

Se cada letra tivesse uma determinada função, nada mais facil que aprender a ler; mas tambem como acabamos de indicar, é com a coincidência e variedade de valores que o alumno exerce uma reflexão e um jôgo de principios que tornam o curso de leitura, ensinada racionalmente, um verdadeiro curso de logica.

Ha duas especies de escritura, symbolica e literal: a symbolica não se lê, decifra-se. A literal é analytica. A nossa escritura está ainda quasi plenamente nestas condições; os symbolos são raros, *ou, am* final, e poucos mais. Determinadas as regras que a lingua admite, e applicando ás excepções, criando, se necessario for, os signaes convenientes, a nossa orthographia, ainda sob a influencia do principio etymologico, torna-se digna da lingua de Camões. Assim, com essas pequenas faltas, mal póde ser estudada por estrangeiros. Os signaes que

haviam de determinar o valor da vogal, duns ha falta, doutros sobra, e noutros dúvida, por desacôrdo n'os autores e quasi sempre no mesmo autor.

A este respeito diremos que tendo nós vozes *nominaes, fechadas, aberta, grave e nasaes*, e escusando designar a voz grave, assim como em geral o valor mais baixo da vogal, precisavamos de quatro signaes; e temos sete: mas três para vozes nasaes ~ *m n* sendo os dois ultimos falliveis: dois para vozes agudas ' *h* mas este é muitas vezes apenas etymologico, e aquelle applica-se a vogaes de valor nasal, como em *contém*, etc.: um para vozes fechadas, mas que applicam a vogaes de valor nasal, como em *pensâmos*, etc.: e para a voz aberta de *meta* (baliza), etc., não ha signal.

Accresce ainda que o accento *h* muitas vezes equivale ao circumflexo, como em *heroe, Helena*; e o agudo tambem serve de indicar a voz aberta, como em *és, céo, chapéo*, etc.

É principalmente por esta applicação commum do signal, que a questão sôbre a voz aberta é quasi sempre esteril. Todos confundem aquella voz com a nominal. Desprevenidos pelos grammaticos, e influenciados pela vista, é difficil convencêl-os da distincção. Não vale a pena, porque o ponto é só de theoria, e não prosodico. Todos fallamos do mesmo modo. Dai-lhes a comparar, em pronúncia demorada, as vozes de *pê, pé, pés*:

pê..... pé..... pe.....s

e não os convencendo da differença que vai da primeira á segunda, e da segunda á terceira, deixai-vos de razões. Com razões não se ensina musica, mas educando o ouvido.

q

que

qui = ke ki

fique fiquei

toque toquei

ataquei pique

ataque piquei

duque leque

baque jaqueta

applique

appliquei

aquelle

aquella

aqui aquillo

quieta quieto

qual

qualidade

DÉCIMA QUINTA LIÇÃO

É evidente, que havendo invogaes certas e incertas, se havia, num methodo, de começar pelas certas. Ora conhecidas e lidas em diversas combinações pelo nosso discipulo essas dez invogaes, que na ordem alphabetica são:

b - d f - - j k l - - p q - - t v - -
 restam: *- c - - g - - - - m n - - r s - - x z*

Porém que ordem seguiremos agora? Como vimos na quarta e quinta lição, todas estas oito são de dois valores, excepto *s x* que têm mais. Ora a última das certas, em que ficámos, foi *q*: a que se seguem naturalmente *c g* não só porque uma tem um valor identico, e a outra, um valor analogo, guttural, mas porque ambas igualmente, com *e, i*, offerecem especialidade.

Portanto o lugar de *c g* está marcado. Depois seguir-se-hão *m n* que têm igualmente dois valores? Não convém; ambas essas invogaes são as mais das vezes simples signal de voz nasal (o que é duro de explicar) e a última carrega-se com *h* o que nos dá passagem natural para as fórmulas compostas *lh ph ch* que devem ser as últimas.

Por outro lado, se advertirmos que *z* tem dois valores de *s* assim como *s* três valores de *x* conviremos em que estas três consoantes se devem succeder. Resta *r* que tendo dois valores as deve preceder.

Logo a ordem mais conveniente é:

c g—r—z s x—m n

O *h* não passa dum accento, dum signal prosodico, quando não é meramente etymologico.

Ora *c* tem dous valores: um soante, e outro improferivel.

Como lhe havemos de chamar? *Çêqe*. Este nome encerra, como devia, na segunda parte, o valor do *kê*-grego e do *kê*, pois muitas vezes o tem identico ao destas invogaes. O outro profere-se com o fôlego, tendo a ponta da lingua na gengiva superior.

Antes da lição que segue, deve passar-se, entre mestre e discipulo, este ou semelhante diálogo:

— *Como se chama esta letra?*

— *Çêke*.

— *Quantos valores tem?*

— *Dois*.

— *Qual é o primeiro?*

— *Ç...*

— *É qual é o segundo?*

— *Lingua encolhida (k').*

— *Quando tem o primeiro?*

— *Em vindo com e, i, ou cedilhado.*

Escusa perguntar quando tem o segundo.

O *çêke* cedilhado não confunde o alumno; antes, pela necessidade ou inutilidade da cedilha, como se póde exemplificar em *aço*, *calça*, etc., lhe ajuda a fixar as alternativas desta invogal incerta.

Adoptaremos, para a nomenclatura das invogaes, uma orthographia systematica, escrevendo a articulação inicial da palavra *seios*, sempre com *ç*; a última articulação com *x*; o modo guttural da syllaba *cá*, com *k*: etc.

Adiante fallaremos da formação dos nomes mais clara e fundadamente, e ver-se-há que a esse respeito não ha sciencia ou arte em melhóres condições.

C

=ç... ce ci

cebo cebola

cedo ceia face

alface foice

bacia cidade

=k'

cá cal caldo

calvo culpa

caco cacei

cace calcei

cacetada

ç

aço beicho buço

caça cabaça

cabeça coça

calça calçada

DÉCIMA SEXTA LIÇÃO

Segue-se o *jêghe* igualmente de dois valores, como o *çêke*, mas esta invogal vale *som e modo*; e o *jêghe*, *tom e modo*. D'estes valores deriva logicamente o nome *jêghe*. Isto supposto, dialoguemos com o nosso discipulo:

— *Como se chama esta letra?*

— *Jêghe.*

— *Quantos valores tem?*

— *Dois.*

— *Qual é o primeiro?*

— *J...*

— *E qual é o segundo?*

— *Lingua encolhida (gh)*

— *Quando tem o primeiro?*

— *Com e, i.*

Isto supposto, mostra-se depois ao discipulo como é impossivel escrever *ghé* ou *ghí* perfeitamente; e a razão que ha para entremear um *u* que não se lê senão em rarissimos casos; podendo-se estabelecer esta regra: *gu-é, gu-í*, vale *ghé, ghí*. Esta explicação reserva-se para o fim da segunda parte da lição, e vem a proposito da última palavra: *gagueja*.

Mas deixai tambem o discipulo ler uma ou outra palavra como está escrita, para ver que ainda lendo em rigor, a palavra se reconhece. Temos agora mais dois casos em que se não costuma ler *u*; ao todo quatro: *qu-é, qu-í, gu-é, gu-í*.

Estes nomes das letras encerrando os seus valores só podem ser regeitados por pessoas irreflectidas. A questão reduz-se a isto: qual será mais conveniente no ensino: os nomes racionaes, ou os no-

mes irracionaes? os nomes significativos, ou os nomes caprichosos e inconcludentes?

Quando essa significação e racionalidade não tivesse, como tem, grande influência no estudo da arte, pela sua constante applicação, bastava a sua influência logica no espirito do alumno.

Dizia-nos um dia o aio dos principes: Bom é o methodo, mas de qualquer maneira se aprende a ler.

Entendamo'-nos: de qualquer maneira se *pode* aprender a ler; *de facto*, não se aprende de qualquer maneira. Dos senhores de si, poucos são os que tentam, e quasi todos desistem: os outros, que remédio! A questão é de tempo e de tormento. E essa não é ainda a questão principal.

Todo o estudo envolve, afóra a instrucção, educação de espirito; por isso a geometria passa pela melhór das logicas. E no primeiro de todos os estudos, quando o espirito está mais ductil e inconsciente, como póde um processo racional, ou insensato, ser indifferente aos habitos da intelligencia?

Voltemos ao nosso caminho. Convindo que o discipulo entenda os symbolos, diz-se-lhe que os três pontos designam o valor proferivel: e o apóstrofo, indica o valor improferivel, *modo*.

O valor do *jê*, (identico ao primeiro do *jêghe*) só differe do valor ordinario de *ch*, na vocalisação. É necessario mostrar ao discipulo essa differença, e fazer-lha observar rigosamente na prática.

Assim pois já o discipulo conta quatro letras que valem lingua encolhida; no mesmo grau, três dellas *kê-grego*, *kê*, e *çêke*; e uma que vale tambem lingua encolhida, mas um pouco menos, que é o *jêghe*.

g

=j... ge gi

gebo geito

foge tigela

vigia collegio

=g'

gago água

egua igual

gallo galgo

golpe pulga

cego acelga

giga gagueja

gue gui = g'e g'i

jogue pague

folgue cegue

guia guita

aluguel guela

DÉCIMA SETIMA LIÇÃO

Vamos á terceira das invogaes incertas, e como as duas primeiras *c* e *g* igualmente de dois valores, um proferivel, e outro improferivel.

Ponhamos em diálogo a doutrina:

— *Como se chama esta letra?*

— *Rêre.*

— *Quantos valores tem?*

— *Dois.*

— *Qual é o primeiro?*

— *Rr...*

— *E qual é o segundo?*

— *Pancada da lingua no ceo da boca (r').*

— *Quando tem o primeiro?*

— *No principio e dobrado.*

Não é necessario trazer para aqui as vogaes, como se costuma: isso impõe ao principiante uma distincção inutil. Em *curso*, *perda*, *carta*, etc., o *rêre* não está entre vogaes, e todavia tem o valor mecanico. Mas em *carne* e *melro*, e vice-versa em *tenro* e *ar-lequim*, o *rêre* tem valor toante. O *rêre* tem o primeiro valor no principio, dobrado, e ao pé de *l* *n*; mas só na lição de esta última invogal, temos oportunidade de dar este complemento da regra. Para que é dizermos mais do que o applicavel immediatamente, se não é necessario, e se as idéas assim abstractas naturalmente escapam?

Estas observações dirigem-se ao mestre para elle fazer o uso conveniente: e ainda ao mestre, á excepção de alguma indicação prática, o mais que deixamos nestas notas não merece especial reparo; nomeadamente as razões de ordem. Chamando a isto

methodo, cumpre-nos mostrar que o *é*; mas para fazer breve e commoda jornada por uma estrada recta e plana, não é necessario saber como a traçaram e construíram.

Emquanto temos três *tons* e três *sons*, que todos se proferem semelhantemente, dois a dois, com a differença de voz, ou fôlego; o *tom* que o *rêre* representa, n'os casos estabelecidos, não tem correspondente. Nós respirando, ou vozeando, mas justamente na mesma disposição de beíço ou lingua, lemos alternadamente:

f... v... f... v...
ç... z... ç... z...
x... j... x... j...

O tom *rr...* não tem elemento de pronúncia semelhante. A identidade do character faz suppor analogia entre os dois valores. É grande erro.

Por igual motivo todos escrevem, por exemplo, *és*, certos da conveniencia do *accento*. Mas se assim fosse, o plural de *rapé*, *sé*, rimaria perfeitamente com *és*; e não ha tal. É o caso de dizermos, com *Bescherelle*: *La vue trompe l'oreille*: a vista engana o ouvido.

O *rêre*, pela sua frequencia e pelos seus accidentes de posição e número, requer uma lição com invogaes certas, e tambem com invogaes incertas. Em seguida daremos, para desfastio do alumno, um pequeno diálogo. Se o mestre não julgar inutil esse exercicio, applique ás palavras *a*, *o*, a regra do *a*, *o* finaes; e diga que o *e* sósinho lê-se *í*. O alumno reconhece as maiusculas, e a pontuação não o embarça. Appliquem-se todas as regras conhecidas.

r

rei rua raio

raiva rijo rato

ferro jarro

terra burro

ira vara fera

furo jura puro

ar ir vir for

flor dar ver

verde perda

pardo perto

preto prato

bruto pobre

irar virar

varrer ferrar

raro retiro

rir roer ratar

repartir

recibo receio

rico róca ruço

carro garrafa

garra guerra

cera cerol

cara caracol

corda açorda

geral gôro

agora agouro

certo carta

garfo grito

gritar córar

cear receber

regedor rogar

cerrar correr

agarrar gorar

carregar

recordar

— Ó Pedro, que é do
livro de capas verde,
que te deu o avô?

— Já o dei ao Jorge a
guardar.

— Vai lá pedil-o.

— Para quê?

— Para a tia Carlota
ver a gravura do caça-
dor.

— Ouve cá: a pobre
da Clara ia abrir a

porta do quarto, caiu,
quebrou a garrafa do
petróleo, e ficou feri-
da. Vou agora à boti-
ca; levo aqui a receita:
à tarde logo fallo ao

Jorge, e digo que t'o
dê.

— Palavra?

— Palavra, Julio, fica
certo.

— Vê lá, cuidado!

DÉCIMA OITAVA LIÇÃO

Ao *rêre* segue-se o *zêxe*, embora esta invogal seja menos vária: porque o *rêre* dobra-se, e também se combina com outras invogaes; o que não succede ao *zêxe*; mas as razões de analogia não são menos attendíveis que as de simplicidade.

O *rêre* tem dois valores que se reduzem a uma fórmula bastante simples (*no principio e dobrado, 1.º valor*): *x* tem quatro valores, que se esquivam a regra. É portanto claro que o *rêre* devia preceder a *x*; mas devendo preceder a *x*, devia preceder aos caracteres a que *x* está associado por identidade de valores.

Na verdade, em *zaz* vê-se que

z vale:

z... x...

Em *sisudos* vê-se que *s* vale:

ç... z... x...

Em *sexo, auxilio, exilio, xale*

vê-se que *x* vale:

kç... ç... z... x...

Valem todas as três letras *z... x...*; duas valem mais *ç...*; e uma vale ainda mais *kç...* É como uma escada de três degraus que o methodo, que é todo escada, não podia desmanchar.

Por isso a todas três precede o *rêre*; e agora ao *rêre*, segue-se a mais simples das três.

A theoria relativa ao *zêxe*, encerra-se nas seguintes perguntas e respostas:

— Que letra é esta.

— *Zêxe*.

— Quantos valores tem?

— Dois: *z... x...*

— Quando tem o segundo, que é último?

— No fim de *szyllaba*.

O discipulo está agora atravessando um terreno escabroso. Por maiór circumspecção com que vamos guiando os seus passos, não o livramos de cair: salvo tecendo-lhe, de proposito, lições fáceis, e desviando-lhe tropeços; mas então o resultado seria um progresso illusorio.

Vistes, na lição do *rêre*, como por uma escala de combinações chegámos a accumular dentro da mesma palavra muitas dúvidas. Assim convém preparar o discipulo para a leitura usual e prática onde, a cada linha, encontra essas accumulações. A amenidade do methodo não póde levar-se até á esterilidade. Se as lições agora são mais embaraçadas, vá o alumno ensaiando a sua reflexão. Adiante da palavra mais duvidosa, está a prevenção da regra, e a advertencia do mestre.

O magisterio é de sua natureza officio de abnegação e de paciencia. O mestre que se ira corrompe o coração do alumno. E se o alumno, pela sua tenra idade, é incapaz de aprender regras e dê as applicar, então a sua presença na escola apenas attesta a ignorancia dos paes, e a incuria da autoridade. Até aos sete e oito annos de idade todos andamos numa fervorosa elaboração physica, que só reclama alimento, movimento e somno; assim como andamos nesse profundo e immenso estudo da lingua, e nessa insaciavel investigação do mundo exterior, que absorve totalmente a faiscá mais brilhante que possa alumiar uma cabeça infantil. Complicar esse duplo movimento quasi vertiginoso com o ensino primario — leitura, escripta e contas — passa de absurdo a cruel.

Como os valores do *zêze* são novos, só podemos indicar, n'os symbolos, onde o apresentamos.

z ~ z

Z

zelei zelou

zelar azia

azul azeite

azedar vazia

luziu luzir

fazer jazer

jazia jazigo

azar azougue

~~~~~ z

az faz fiz

fez vez jaz

juiz luz diz

puz pôz paz

capaz lapuz

giz gaz quiz

arrôz retroz

rapaz feroz

traz cruz zaz



## DÉCIMA NONA LIÇÃO

Vamos ao *çezêxe*, quinta das invogaes incertas, e segundo degrau da escada, de que fallámos.

Esta invogal é frequentissima; nella acabam metade das inflexões dos verbos, todos os nossos pluraes de nomes, pronomes, participios e de quasi todos os adjectivos; não fallando n'os infinitos casos em que figura no principio e meio de palavra, já antes, já depois de vogal; e tambem antes e depois de invogal, como em *sciencia* e *psalmo*.

Póde-se estabelecer a regra que no fim de syllaba vale *x...*; por exemplo, *custas*; mas cumpre advertir que isto é seguindo-se-lhe certas letras, e em leitura continua; como veremos adiante.

Mas taes advertencias são escusadas no ensino; pois não se trata de ensinar a ler a estrangeiros, e sim a portuguezes mais ou menos praticos na lingua. Pela nossa parte não costumamos prevenir os nossos discipulos com mais doutrina que a contida no seguinte diálogo:

- *Que letra é esta?*
- *Çezêxe.*
- *Quantos valores tem?*
- *Três: ç... z... x...*
- *Quando tem o primeiro?*
- *No principio e dobrado.*
- *E o segundo, que é o do meio?*
- *No meio de vogaes.*
- *E o terceiro, que é o último?*
- *No fim de syllaba.*

Com este pouco temos o bastante para o nosso discipulo acertar as mais das vezes, e senão, para

o convencermos de que desmentiu a regra, o que em geral nos é tão agradável como se a observasse, pois nos dá occasião de o fazermos raciocinar.

Por exemplo, trata-se da palavra *uso*, que o discípulo lê *uço*. Em lugar de emendarmos sem mais explicações, preferimos questionar.

— Que invogal é essa?

— Çezêxe.

— Quando vale ç...?

— No principio e dobrado.

— Está no principio ou dobrado?

— Não.

— Portanto não é *uço*.

— E quando vale z...?

— No meio de vogaes.

E o discípulo lê *uzo*.

Syllaba é a palavra ou parte da palavra que se diz duma vez, num tempo. *É, sé, seu, seus*, são quatro syllabas, embora mais compostas umas que outras. *Qual quer* são duas syllabas, que podem formar duas palavras; e tambem, só uma. O discípulo adquire praticamente, pelas nossas lições de syllabas alternadas a typo liso e lavrado, uma idéa mais clara de syllaba, do que é facil dar-lhe por definições.

Quanto a vogaes, é melhór fazer-lhas conhecer pelo valor, exemplificando e comparando, do que simplesmente pelo nome e de memoria. Vogal é a letra que se lê só com a voz, sem dependencia dos beiços nem da lingua.

Nas duas últimas linhas da segunda página da lição, apparece o *çezêxe* num caso novo. Completa-se a regra dizendo que tem tambem o primeiro valor entre *invogal* e *vogal*. Esta fórmula não se póde inverter.

s ~~~~~  
 ss } = ç  
 lsa }  
 asa = z ~~~~~  
 ~~~~ s = ~~~~~ z

S

só safa silva

passo tosse

liso quasi

bois dias teus

soubesse

desusados

sós seus suas

siso sisudos

isto este esta
está esteve
visto vestes
foste justo
postas basta
pastas peste
leste listas
valsa salsa
falsos pulso

socio sucia

caso acesa

faces cisco

sege sigo

seguir guloso

guisados

sogro grossa

socegasses

perseguisse

ser sair sorte

assar russo

risses risada

rosa riso raso

russa grossos

gritos gordos

sagaz fizesse

zurzisses

rézes luzisse

VIGESIMA LIÇÃO

Assim como do *zêxe* passámos ao *çezêxe* que tem os dois valores do *zêxe* e mais um, passamos agora ao *kçe-çezêxe*, que tem os três valores do *çezêxe* e mais um. Os três valores são *ç...* *z...* *x...* porque é verdade que o *çezêxe* vale muitas vezes *j...* mas esse accidente é commum aos três caracteres.

Se lermos e escutarmos as seguintes phrases:

| | | |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|
| <i>faz água</i> | <i>faz ponto</i> | <i>faz damno;</i> |
| <i>as águas</i> | <i>as pontes</i> | <i>as damas;</i> |
| <i>calix antigo</i> | <i>calix prateado</i> | <i>calix dourado:</i> |

ver-se-ha que *z s x* valem no primeiro grupo, igualmente *z...*, no segundo, igualmente *x...*; no terceiro, igualmente *j...*

Examinai, vereis que *z s x* no fim de syllaba, lendo-se immediatamente antes de vogal, valem *z...*; e immediatamente antes de *ç f p q t x* (ou equivalentes), *x...*: n'os outros casos, *j...*

Porém como todos observam isto involuntariamente, e o mesmo ouvido se encarrega de guiar o alumno, é escusado dar taes regras.

Abstrahindo pois daquelle valor commum e tão accidental, *j...*, podemos sem rigorosa mas com bastante verdade chamar áquellas invogaes *zêxe*, *çezêxe*, *kçe-çezêxe*. Taes nomes encerram os valores das letras, e são portanto definições, verdadeiros nomes, verdadeiros e mnemonicos, isto é, bons de fixar pela identidade e gradação de elementos.

Sem reserva, e com a franqueza que não tivemos

na primeira e segunda edição, o nosso systema funda-se n'os nomes das letras. Os fáceis e notáveis resultados que elle tem dado, dependem destas particularidades.

Xiz é um nome apenas insufficiente, não falso nem disparatado; porque do modo que o dizemos (*xiz...*), principiando, e acabando no *som x...*, até se podia considerar symbolico; pois em principio e fim de palavra, salvo o que deixamos dito, o *kçe-çezêxe* vale *x...* Mas que é dos outros valores? O nome não os indica; e não ha razões de preferencia, nem conveniencia alguma em obrigar o principiante a ir buscá-os a explicações avulsas, podendo-os achar no proprio nome da letra. Adoptando-se um nome defeituoso, tem o discipulo de aprender esse nome, e além disso, os valores; ou não saberá ler: aprendendo um nome perfeito, nelle tem tudo.

Vamos ás perguntas e respostas do costume:

— *Quantos valores tem esta letra?*

— *Quatro: kçe... ç... z... x...*

— *Que regra têm?*

— *Nenhuma: applicam-se de trás para diante, até acertar: x... z... ç... kçe...*

O mesmo valor de *x...* já sabemos quanto é accidental no fim; e tambem não é certo no principio. Parece pois que muito de proposito escolheram os mathematicos este character para symbolo da incognita. Mais uma razão para lhe darmos um nome que offereça, por assim dizer, á escolha do principiante, valores tão diversos e tão incertos.

Na lição convém fazer achar o valor conveniente por tentativas, e não ao acaso, na conformidade daquella indicação pratica. Em *exacto*, não se lê *c*, como é regular antes do *tê*.

X

=kç

fixo fixa fixar

fluxo defluxo

reflexo sexo

=ç

auxiliaste

auxiliarias

auxiliasses

=z~

existe existir

exercitarás

exercitasses

exercesses

exacto

= ~~~ z

xale luxo

baixo deixar

bexigosas

eixos seixos

sexta calix

expressar

VIGESIMA PRIMEIRA LIÇÃO

Das oito invogaes incertas, faltam-nos duas *m n*: mas como estas servem mais vezes de til, que de letras, é chegado o tempo de fallarmos das vozes nasaladas.

As vozes são *puras* ou *nasaladas*.

As *puras* dividem-se em *agudas*, *fechadas*, *aberta* e *grave*.

As *agudas* são os nomes das respectivas letras, que por isso, e outras razões, convem chamar-lhes *nominaes*. A essas letras ás vezes se applica, e muitas mais, incomparavelmente, se deixa de applicar aquelle traço obliquo descendo para a esquerda, chamado *accento agudo*: *á, é, í, ó, ú*.

Abaixo, por assim dizer, um ponto em clareza estão as vozes *fechadas* (*â, ê, ô*).

O signal destas é o chamado *impropria* e *alatinamente circumflexo*, que a maxima parte das vezes se omitta, mas algumas se emprega onde era necessario, como em *dê*; onde convinha, como em *rôgo*; onde era desnecessario, como em *flôr* (porque *or* final vale geralmente *ôr*, e portanto bastava accentuar as excepções como *maior*, *peór*); e tambem modernamente, em vogaes de differente valor, como em *vêmos*, *louvâmos*, onde *e*, *a*, em estylo culto e desaffectedado, se lêem nasaladamente, e portanto só admittiam til.

Aberta é só a voz de que fallámos em nota á décima terceira lição.

Grave é a voz que se profere na preposição *de*, a primeira voz de *pedi*, etc.

Nasaladas são as que se dizem, não asperamente

fanhosas, como se tivessemos o nariz tapado, e as fizéssemos eccoar nas fossas nasaes; mas com uns ares disso. Em bom portuguez não se admitte o timbre fanhoso.

O signal de voz nominal, o accento agudo, é impropriamente applicado a vogaes de valor nasal, como em *contém*; vindo tambem a ser signal de voz forte, ou syllaba dominante. O signal de voz fechada, o circumflexo, só se deve applicar a *e*, *o*; porque para *a* significar o mais baixo dos seus valores (que é *â*) escusa signal. E por isso não ha signal da voz grave. A voz aberta, como já dissemos, não tem signal. As nasaladas indicam-se com \sim m n.

Limitemos a questão ao *til*.

— Como se chama este signal?

— *Til*.

— De que é signal?

— De voz nasalada.

— Quantas são as vozes nasaladas?

— Cinco: ã, õ, ã, õ, ù.

As vozes nasaladas são frequentes na lingua portugueza, e o peór é que se indicam de varios modos. Convem pois que o discipulo esteja certo nelas, para que a sua attenção recáia na fórma graphica: tanto mais que o *ti!* é raro, em comparação dos outros dois signaes de nasalidade, que o discipulo vai conhecer, e que são muito equivococos.

Na classificação das palavras quanto ao rythmo, *Setubal*, *Victor*, por exemplo são palavras *inteiras*, isto é, accentuadas na penultima syllaba; e chamando-se agudas as vozes *á*, *ó*, allí teríamos palavras *inteiras* acabando em vozes *agudas*.

Por isso chamamos, a taes vozes, *nominaes*.

ã

ẽ ã õ

ũ

vã lâ rã sã

são pão dão

verão serão

cão coração

razão carvão

sezão grão

grãos são
cães capitães
sacristães
põi dispõis
pavões feijões
feições acções
ratões razões
varões pavões
ladrão rações

VIGESIMA SEGUNDA LIÇÃO

Estamos chegados á penultima das invogaes incertas, que é o *metil*. Tal character umas vezes é letra, outras vezes signal de voz nasal, outras vezes nem uma coisa nem outra; e podemos accrescentar que outras vezes é ambas as coisas.

Quando é letra vale união de labios, á semelhança de *b p*; como, por exemplo, em

mal, mel, mil, mola, mula.

É impossivel começar a ler estas palavras sem ser de bôca fechada. Os labios despegam-se á primeira voz; vindo portanto *m* a representar um facto puramente mecanico, por si só inapreciavel ao ouvido. Não é isto particularidade de *m* mas qualidade geral de todas as letras que valem simples factos dos beiços ou da lingua; e esses factos na lingua portugueza são dôze.

Tem esse valor, com vogal adiante (na mesma palavra); sem vogal adiante, vale o mesmo que o simples *til*. Tanto-importa para a leitura escrever:

ambos, embora, impar, ombria, umbral;
como *âbos, êbora, îpar, ôbria, ùbral.*

Por economia de espaço, e por conveniencias typographicas, talvez mais que por espirito reformador duma orthographia incoherente, acha-se o *til* empregado nas edições antigas, frequentissimamente, em logar de *m* ou *n*.

Mas os antigos que escreviam, mais conforme

a pronúncia, por exemplo, *amárão*; querendo differençar o *ão* forte, do fraco, á falta de signaes convenientes, escreviam *amaráõ*, desvirtuando assim ao mesmo tempo os dois signaes; pois nem *a* tem valor nominal; nem *o*, nasalado. Daqui, e provavelmente ainda mais da costumeira de soletrar *á ó til ão*, parecendo ao principiante (e talvez ao mestre) que o *til* pertence ao *o*, resulta vemos, até na capital, grandes letreiros: *Salaõ*, etc. A mesma estátua de José Estevão lá tem: *Magalhaês*.

Mas este character ás vezes nem se lê, nem é signal de voz nasalada, e só se escreve por devisa etymologica, como em

commenda, commissão, condemnado,

que se lêem exactamente como se escrevessemos *comenda, comissão, condenado*.

Estas devisas etymologicas, têm o inconveniente de fazer, da boa orthographia, um privilégio que nenhum homem liberal supporta sem repugnancia. Mas neste mundo toda a arte e sciencia é privilégio de quem a sabe. Assim houvesse coherencia n'os partidarios da etymologia.

Continuando, não podemos dizer que *mm* estão no caso de *bb cc dd ff gg* etc., que valem sempre assim dobradas o mesmo que simples; porque é tão commum o primeiro *m* ser puramente etymologico, como ser signal de voz nasalada; ler, por exemplo:

| | | | | |
|-------|---------------|---------------|-----------------|-----------------|
| | <i>somma,</i> | <i>gomma,</i> | <i>emmalar,</i> | <i>emmassar</i> |
| é ler | <i>sõma</i> | <i>gõma</i> | <i>êmalar,</i> | <i>êmassar:</i> |

vingando aqui a regra, que *m*, sem vogal adiante, é signal.

Tambem *am* final se póde dizer que não offe-

rece nada de extraordinario, quanto a *m*. Ahi *m* serve de til; é regular: a fórma orthographica, sim, que é viciosa; porque escrevemos *ã* para lermos *ãu*. Nem *a* nem *m* podem representar a voz *u* que soa na leitura. É uma convenção.

Antigamente dizia-se, por exemplo, *amárũ*; depois, com o correr dos tempos, *amárõ*; depois, *amarã*. Foi-se a musica da lingua, por assim dizer, aclarando. Hoje ainda muito povo diz *amárõ*, *fállõ*; mas o estylo correcto e literario é *amárãu*, *fállãu*.

Nisto devem os mestres não poupar insistencias, porque o tal *õ* é repugnante. E dizemos: não poupar insistencias, porque é necessario insistir: a maior parte dos alumnos tẽem esse vicio muito arraigado. Mas quem diz *cão*, pôde dizer *ficão*; seja a syllaba forte ou fraca, a pronúncia é organicamente a mesma.

Tempo houve que geralmente se escrevia *ão* no fim. Depois, talvez para evitar equivocos, e poupar accentos (no que sempre nos termos mostrado singularmente economicos), em vez de se progredir empregando, e até inventando os signaes necessarios a bem duma orthographia exacta, retrogradou-se. Quasi todos escrevem actualmente *amam*, *fallam*, *quizeram*, etc.

A dizer a verdade a boa orthographia não depende tanto da logica dos caracteres como da generalidade das regras; e se *am* final vale sempre o mesmo, embora mal represente o que vale, passe a incoherencia. Melhór orthographia é *fállão*, *fallárão*, *fallarão*, etc. Mas por exemplo *pensão* é equívoco; e escrever *pénsão*, não é logico; porque o *e* não representa a voz nominal. A falta dum signal para a voz forte é uma razão a favor de *am* final; todavia, razão que pouco pôde aproveitar aos que seguem (como nós aqui) a orthographia em *am*; pois escrevem sem escrupulo *provém*, *contém* e até *porém*. Logo que

dúvida podiam ter, em escrever *pênsão*, *pêndão*, *mândão*, etc.? Melhor seria.

Mas dissemos nós que *m* ás vezes é letra e juntamente signal de voz nasalada. De facto acha-se uma especie de influéncia nasal retroactiva em *m* (assim como em *n*). Nós lemos *ama*, *temo*, *lima*, *Roma*, *uma*, como se estivesse escrito *ãma*, *têmo*, *lîma*, *Rõma*, *ũma*. *Amamos*, *amemos*; *fazemos*, *fazamos*; *vestimos*, *vistamos*; *ponemos*, *ponhamos*; nestas e outras inflexões de verbo semelhantes dá-se tambem o caso de nasalarmos a penultima voz, sem til nem *m* que pertença á respectiva vogal.

Mas destas e outras que taes advertencias não necessita o alumno. E limitando-nos ao que mais importa, na fórma costumada:

— *Como se chama esta letra?*

— *Metíl.*

— *Que vale?*

— *Boca fechada (m'), e é signal de voz nasalada.*

— *Quando é signal de voz nasalada?*

— *Quando não tem vogal adiante.*

Portanto a *metíl* final vale *ã*, em rigor; mas o fallar muda, e a orthographia fica. Devemos fazer ler ao discipulo *íã*, *fãçã*, *púxã*, na conformidade daquella regra, porém notando-se-lhe que assim se escrevia, porque assim se fallava: hoje em dia falla-se de outro modo; diz-se *íãu*, *fãçãu*, *púxãu*. Donde se segue, que *am* final, valendo apenas *ã*, lê-se *ãu*, accrescentando-se uma voz que não está escrita (*u*).

Convém tambem advertir ao discipulo que este *ãu* é fraco; e portanto que a penultima syllaba de palavra acabada em *am*, é sempre lida fortemente.

m

meu umas
mãos limões
moças comer
amigas gemer
morrer mães
maçãs irmãos
queimaduras
romãs mexer

am

em im om

um

vim fim sim

assim algum

atum alguem

emfim quem

tambem som

com Joaquim

riem limpem
jejuem tomem
afiem tremem
caiem comem
ardem fumem
temem léem
compararem
emmassarem
emmalarão

am = ão

iam durmam
amam temam
ficam raspam
levam puxam
viam zurziam
tocam armam
ligam sumam
emmagreçam
complicariam

VIGESIMA TERCEIRA LIÇÃO

Chegamos finalmente á última das invogaes incertas, que á semelhança do *metil*, umas vezes é letra, e vale *modo*; outras vezes é simplesmente signal de nasalidade; outras vezes vale *modo*, e é signal de nasalidade; outras vezes nem vale *modo* nem é signal; e ainda outras vezes, carregado com o *agá*, vale um *modo* analogo, mais forte.

É estylo portuguez nasalarmos na palavra as vozes dominantes antes das articulações que se escrevem com *m n nh*. Nós dizemos *penar*, com a primeira voz pura (*pe*); mas já dizemos *pena*, com a primeira voz nasalada (*pê*). É uma regra com poucas excepções.

Propriamente um character só é letra quando representa um elemento mais ou menos distincto da palavra fallada. Ninguem diz que *vã* se escreve com três letras, porque nem a análise nem o ouvido distingue senão duas partes nessa palavra. Ora se em *vã*, ha só duas letras, tambem ha só duas letras em *van*. Se chamamos letra a este último character, é referindo-nos ao papel que elle muitas vezes representa, e para não estarmos com explicações e rigores desnecessarios; mas fallando com exactidão, aqui o último character não passa dum signal.

Quando é letra, lê-se pegando a lingua ao ceo da bôca: o mesmo que dissemos de *l* ao qual, apesar da differença para o ouvido, se assemelha muito no valor.

O *n* final valendo modo (e sempre tambem de til, pela influencia nasal retroactiva, que indicámos a respeito do *m*) é raro. Poucas são as palavras que

assim acabam. E é só nessas palavras que a orthographia moderna o admite. Caiu em desuso escrever *van, lan, manhan*. O *n* final servindo de til foi com razão substituído pelo til.

Nesta qualidade de til, o mesmo que dissemos do *m* lhe é applicavel.

Ao norte de Portugal em muitos pontos se diz *cá-ma, mána*. Se pudessemos escolher, preferiamos esse estylo, porque é mais claro e musical: mas em linguagem não podemos adoptar o mais sonoro, e sim o mais usual e autorizado.

Daqui vem que *m n* sejam frequentemente letras e ao mesmo tempo signaes de nasalidade. A vogal dominante seguida de *n*, como em *mana, pena, tina, tona, puna*, lê-se como se estivesse tilada:

mãna, pêna, tĩna, tõna, pũna.

Resumindo esta doutrina ao nosso discipulo:

— *Que letra é esta?*

— *Netil.*

— *Que vale?*

— *Lingua no ceo da bõca (n'); e é signal de voz nasalada.*

— *Quando é signal de voz nasalada?*

— *Quando não tem vogal adiante.*

Adverte-se a excepção do *n* final, ou antes, adverte-se que ahi accumula as duas funcções, porque a vogal anterior lê-se tambem nasaladamente.

Assim pois temos vozes nasaladas, cinco (*ã, ê, ĩ, õ, ã*) e signaes de voz nasalada, três: *til, metil* e *netil*. O *til* nunca é outra coisa; mas o *metil* e *netil*, tambem são letras, e só em não tendo vogal adiante, se tornam simples signaes.

n

nós nau clina

nomes manos

nada meninos

anões pernas

imaginavam

carne esquina

afinação não

somno iman

an

en in on

un

antes singelo

anca segundo

banco andam

âncias brinco

anjo trancam

entendimento

VIGESIMA QUARTA LIÇÃO

O nosso plano é o seguinte:

| | | |
|-------------------------------|---------------------|-----|
| I Vogaes | a, e, i, o, u. | |
| II Invogaes certas..... | v f j-l d-b p-l-k q | |
| ' incertas..... | c g-r-z s x-m n | |
| ' compostas certas..... | th rh-nh lh ph | } y |
| Invogal composta incerta..... | ch | |
| III Alfabeto maiusculo. | | |

Daqui se vê que ás invogaes incertas seguem-se as compostas. É pois tempo de fallarmos do *agá*, tempo e oportunidade, porque as duas últimas incertas (*m n*) são muitas vezes simples signaes prodicos; e o *h* igualmente debaixo de todas as apparencias de letra, não passa dum signal.

Os gregos tinham vogaes e invogaes que liam com aspiração, com aquelle esforço, aquella subejidão de fôlego com que os hespanhoes lêem a inicial de *José*. Em portuguez ha mais ou menos fôrça em vozes e articulações; tanto que é nisso e por isso que muitas se distinguem, e se transformam dumas n'outras: mas propriamente a chamada *aspiração*, certa aspereza e violencia, como de voz ou inflexão *tossida*, só (que nos conste) nas gargalhadas do sr. *Rivara*.

Na Grecia, para ler e escrever grego, bastava saber grego. Naquella mina inexaurivel de etymologias, não havia etymologias. Escrevia-se com a maxima exacção, salpicando-se a escrita de signalinhos, e entre esses figuravam os de aspiração, que eram umas virgulasinhas sobrepostas á vogal ou invogal.

Os latinos, em logar dessas virgulasinhas, tinham *h* caracter improprio e indevidamente admittido na categoria das letras, mas que empregavam onde realmente indicava aspiração.

E como o portuguez é filho do latim na opinião de muitos, apesar de não termos *aspiração*, cá temos tambem *h* em palavras do latim, do grego e até em palavras de origem ou orthographia nossa, como *sahir, cahir, chegar, fechar*; servindo-nos o *h* de *accento*.

A dizer a verdade não ha differença essencial entre *aspiração* e *accentuação*: ambas envolvem *fôrça*; mas ha a differença sobeja para não confundir nem os nomes nem os signaes.

O *agá* em portuguez não vale aspiração; umas vezes é *accento*, outras vezes é signal etymologico, outras vezes é ambas as coisas.

Applica-se a todas as vogaes e á terça parte das invogaes, ou tanto monta, a metade do abecedario. A sua indole é carregar, *accentuar*, apesar das muitas excepções. Vejamos com as vogaes.

Ahi, ha, huivo lê-se como se escrevessemos *ai, á, úivo*: aqui vale *accento agudo*.

Heroe, honesto, hostile lê-se como se escrevessemos *êroe, ônesto, ôstil*: aqui indica etymologia, servindo ao mesmo tempo de *accento circumflexo*.

Em raras palavras começadas etymologicamente por *h*, deixa a primeira vogal de ser lida mais ou menos fortemente.

Com as consoantes observa-se a mesma *regra*.

Em *th rh* a presença do *h* é inutil; mas haveis de notar que as articulações *t' r...* são extremas, isto é, admittem, sem transformação, a execução mais vehemente.

Por outro lado, em boa etymologia, não escreviamos *catarrho*; escreviamos *catarho*, para se ler do

mesmo modo; vindo o *h* a servir tambem de indicar accentuação.

Nh lh é accentuação de *n l*. Lêde alternativa-mente, embora em silencio, *n nh* e *l lh* sentireis a lingua, na leitura da fórma dupla, adherir mais forte e extensamente ao ceo da bôca.

A respeito de *ph* todos apagam uma luz fazendo ou proferindo naturalmente *pf*. . . Esta dupla inflexão consiste em despegar os labios com um sôpro; o que corresponde a accentuar, *carregar*, tornar sensível a articulação negativa *p'*. É verdade que para nós *ph* não vale rigorosamente *pf*. . .; mas valeu para os antigos, e a differença pouco desdiz a fórma.

Ch tem dois valores, *som* e *modo*: o primeiro é frequentissimo: *x*. . . e outro raro (*q'*). Reforçai a inflexão *ç*. . . e vereis como facilmente se vos torna *x*. . . Quando vale *modo*, o que é excepcional, pôde-se dizer que o *agá* ainda é signal de fôrça, pois tal *modo* consiste na maiór das duas contracções da lingua que em portuguez se admite.

Assim, ou semelhantemente, convém desculpar as fórmulas duplas, justificar, explicar o valor simples ou homogêneo dessas dualidades graphicas. Porque certamente que todos os caracteres da escrita têm um valor convencional e arbitrário; mas posto um valor, até a intelligencia infantil é impellida a inquirir se se é coherente.

E pois fallámos de *h ph* e *ch*, fallemos do *y*, essa especie de companheiro de viagem que tantas vezes vem na caravana.

Chama-se *i-grego*.

Em grego havia uma vogal (que por signal não se sabe ao certo o que valia) que na fórma maiuscula um tanto se assemelhava a *y*: na fórma minuscula, como quasi exclusivamente nos apparece

o *y*, o character semelhante era o *gamma*, que valia o modo inicial d'este mesmo nome. Donde parece que o podiamos dispensar.

Os hespanhoes, em logar de *nh lh* têm *ñ ll*. É melhór orthographia, mas ainda incoherente. Tanta razão ha de carregar ou dobrar num caso como no outro. Os polacos carregam *l* com um traço superior horisontal quando querem reforçada a articulação que *l* representa.

Para nós o til não tinha applicação a *n*. Interpretando os latinos, e imitando os gregos, podiamos carregar, accentuar as invogaes com algum signal particular ou o mesmo agudo. Vamos á prática.

Deveis ter tido occasião de ensinar ao discipulo o que é, e de que serve o accentto agudo, e o circumflexo; senão explicai-lhe, apresentando-lhe, como um novo accentto, embora de diversa fórma, o *agá*.

O *agá* applicado a vogaes, em rarissimos casos é necessario tomál-o em consideração: não porque elle muitissimas vezes não represente o seu papel de accentto, mas porque o estylo da lingua, e as regras prosodicas, bastam a levar o discipulo á devida leitura da vogal.

Assim pois a sua applicação só é attendivel com quatro invogaes *n l p c* que pelos novos valores que assumem, se devem ficar chamando *nênhetil*, *lêlhe*, *pêfe* e *çekêxe*.

— Que é o *agá*?

— Signal de carregar vogaes e invogaes; mas com vogaes e *tê*, *rêre*, despreza-se.

— A quantas invogaes se applica utilmente?

— A quatro: *lêlhe*, *nênhetil*, *pêfe* e *çekêxe*.

— Que valor têm carregadas?

— Todas o segundo, menos o *çekêxe* que tem o terceiro; mas se este destoa, tambem tem o segundo.

y

= i

cypreste

mysterio

symetria

pyrilampo

asylo abysmo

cysne crystal

lyceu tyranno

estylo syllaba

h

harpa homem

hoje hombro

hostias haver

th rh

sympathia

rheumatismo

catarrhal

nh

unha punham

tinha nenhum

ninho manhã

vinha grunhir

linha tenham

fronha pinhão

junho azenha

lenha inhabil

lh

ólho espelhos

da-lhe joelhos

bulha ovelhas

azelha grelha

filhos ralham

gralha trilhar

alho palhinha

ilha orelhinha

ph

= f

aphta pharol

typho grypho

phoca phrase

esphera

triumpharam

typographia

pharmacia

phosphoros



